

SEXAGENÁRIO, NÃO, MAS SEX-APPEAL-GENÁRIO

Oswald de Andrade

“Sinto em mim o borbulhar do gênio”. Este verso de Castro Alves poderia ter encabeçado um béstia do poeta, no cartão postal da Ilha dos Amores, rodeada no fim da tarde pelas saias transbordantes de Eugênia Câmara, entre os chorões do Tamanduateí.

Nesse tempo havia o silêncio composto de São Paulo. Era possível o serão e o saraú, o silogismo e a vida interior. Hoje eis o paradoxo de São Paulo: eu estava quieto, jogando sinuca, quando me apareceu, não uma “nêga maluca”, mas uma dúzia de nêgas malucas, querendo me atribuir a paternidade de múltiplas coisas que se produziram nesta cidade: — “Esse filho é seu!” Tratava-se da Semana da Arte Moderna. — “É o filho que Deus lhe deu!” — “Não é meu!” — “É seu!” E resolveram me almoçar, fazendo deste 396º ano da deglutição do Bispo Sardinha uma espécie de ano jubilar da antropofagia.

E tomaram como pretexto “Pau Brasil”. São Paulo é feito para as prioridades comerciais. “Pau Brasil” consiste numa simples patente de invenção. Hoje, por conseguinte, o que se comemora aqui na capital do câmbio, da indústria e do comércio, é uma marca de fábrica.

“Pau Brasil” vinha de longe, do espanto dos primeiros cronistas, ante a terra que “tinha forma de hua harpa”. Vinha da literatura oral das fazendas, das paisagens de Minas monumentalizada pelo Aleijadinho, das escalações encrespadas do Lóide Brasileiro, enfim, das blusas domingais nos jardins fotográficos da cidade. Tratava-se de um toque de reunir contra a poesia de importação, e por isso eu apelava para o tótem vegetal do pau de tinta, que fôra o nosso primeiro produto exportado. Poesia de exportação contra poesia de importação. Vinte e dois defendia as divisas nacionais. Estávamos horrorizados tanto com a indecência de frinéa como com o rapé arcádico do soneto colonial.

O paradigma que eu propunha via-se, porém, imediatamente ultrapassado. Outros possuíam o segredo instrumental que me faltava. Gui-

lherme de Almeida levava à *Raça* as lavas de sua xenofobia. Ronald de Carvalho geografizou em *Toda a América* os nossos limites. Menotti e Cassiano saíram para caçar papagaios. Ascenço Ferreira batucou o Nordeste. Augusto Mayer mediou em verso as coxilhas, enquanto Carlos Drummond de Andrade, num lavour de penitenciário, engarrafava a “pedra do caminho” e o “vasto mundo” de seu coração. Murilo Mendes ampliava em redondilha a descoberta. Foi quando Mário de Andrade, na epígrafe de “Losango Cáqui”, rubricou o movimento, falando de sua tendência Pau Brasil. E Jorge de Lima ofereceu aos brancos a Frinéa negra da “Nêga Fulô”.

Enquanto isso, você, meu Sérgio Milliet, era entre nós o bacharel de Cananéia. Você vinha da Suíça como um naufrago. Trazia uma porção de saudades inclusive do simbolismo, do socialismo e da metrificação. Descido das fidalguias de Santo Adolfo, suportava bem as vaias da Semana e numa grande farra sorvia conosco, na Praça da República, sorvete de carrocinha.

Só você, o ávena, divergia da ondulação que o Norte replicava nas evocações de Manuel Bandeira e no grupo que em Recife rodeou Gilberto Freyre. Mas que era o Brasil senão deglutição pura? Devorávamos facilmente as suas inocentes carnes genebrinas. E teria restado apenas sua angulosa estrutura de Mestre-Escola, se não houvesse em você o cantor do óbulo e da valsa. Você era o poeta social, que já perguntava em 1925: “Para que o voto secreto?”.

Confraternizamos então, compreendendo que era preciso ser tudo, mesmo futuristas com Graça Aranha, mas abrir luta contra o campeonato de tédio edificante em que se empenhava o mundo antigo para distrair o clímax da exploração humana de que se nutria. Antes da primeira guerra mundial, São Paulo tinha dois divertimentos — o médium Mirabelli e “a vela do *Correio Paulistano*”. O médium entrava numa sapataria e imediatamente as caixas de calçado voavam das prateleiras à busca de seus pés encantados. Na vitrine do *Correio*, onde hoje se apruma a torre do Banco do Estado, havia acesa uma vela enorme. E a cidade apostava o dia e a hora em que a vela iria apagar. Era o “betting”.

Na literatura, a mesma coisa — a vela e o médium. A vela provinciana dos literatos vacilantes e a trapaça acadêmica das votações espíritas.

O fim da guerra viera trazer uma contabilidade inexorável para aquele mundo remoto. Jaziam por terra as monarquias de Direito Divino. Aos Habsbourg, aos Hohenzollern, aos Romanoff, iam suceder os Dolfus, os sapateiros de Weimar, os camisas-pretas e os novos “caçadores de cabeça” da Rússia Soviética. Houve um espaço mais, que um dos nossos companheiros, entre “charlestons” e “drinks”, cognominou de “Domingo

dos Séculos". Mas soara a pancada cava das revoluções. E Deus nos mandava de presente, envolto em celofane socialista, o sr. Getúlio Vargas.

E todos vós sabeis o que se passou depois. Com os tempos novos, São Paulo criara uma mentalidade industrial. Se a dimensão povo vinha trazida pela tarda manada dos búfalos da literatura social, aplaudimo-los. Não deixamos nunca, porém, de manter fidelidade ao ofício à procura da expressão, que propunha o verso estacado no seu pulo plástico e mensageiro de uma orgulhosa bastardia polifônica. Em nossas mãos, a prosa se tornou tijolo, cristal, vértice, barra de aço.

Trazíamos a técnica do risco, do impacto. E encontrávamos uma partícula de rádium no barro argiloso. Nosso problema central foi a tensão entre o coloquial e a voragem entre o prosaico e o lírico, o polido e o arlequinal. Éramos a tradução da cidade. E por isso, como ela, fazíamos a escalada e o recorde limpando as janelas da vida. Quando a ciência mais sisuda nos falava de elétrons fantasmas, por que não mergulhar nas fontes da oposição e da surpresa?

A mim a cidade mecânica fizera, de súbito, conjugar o verbo crackar.

Eu empobreço de repente
Tu enriqueces por minha causa
Ele azula para o sertão
Nós entramos em concordata
Vós protestais por preferência
Eles escafedem a massa.

Eu não sabia que este verbo era irregular. Tinha herdado tudo menos a convicção da propriedade privada.

Arruinados uns, outros cavalgando grandes e pequenas burocracias ficamos marcados de futurismo, nós de 22.

Uma noite, não faz muito tempo, recebi a visita de certa poetisa ilustre que se fazia acompanhar de uma corte de fãs. No meio da conversa, ela apontou o teto da sala onde estávamos tomando chá, um teto frajola que se afundava em reentrâncias e me perguntou: o que é que sai dali? — nada, informei. — Não acredito que na sua casa não saia alguma coisa dali para assustar a gente!

Nesses curiosos equívocos, têm-se emusculado o modernismo. Para muitos, falamos diferente, olhamos enviesado, pensamos afásico. Há sempre um busílis no comportamento normal de um modernista. E há quem suponha que estamos aqui nos regalando com filé mignon de jesuítas.

No entanto os espíritos atilados vêm perfeitamente que o que eu procuro é trair a poesia, ser oficializado, tomado a sério e por isso, encerram-se as minhas atividades inquietantes, acabando tudo em marmelada no Automóvel Clube.

Agradeço os que assinaram uma catarse facilmente analisável. Eu sou família. O que sempre me guiou, mais que a ordem e o acabado, foi a geometria e a credulidade. Como o *douanier* Rousseau minha íntima aspiração tem sido continuamente o salon e a medalha de ouro. Corrigir a desordem impressionista de Cézanne, eis o que queria o pintor das barreiras de Paris. Mas dentro da pintura duco que ele esmerava, vinham os tigres do seu México folhudo e a magia do cotidiano desdoblada em planos metafísicos que ninguém atingiu. Há em mim um desejo de limpeza e de expurgo que não dirime as cataratas de meu universo interior. E sei que no fundo de um autêntico revolucionário está sempre um legalista. Quando perguntaram a Zenon, escravo, o que sabia fazer, o filósofo respondeu: — Mandar!

O que hoje se processa é a reconciliação da cidade com suas forças filiais. Mais do que a mim, o que se honra hoje são três gerações paulistas: a de Paulo Prado, a de Mário de Andrade e a desse admirável menino que se chamou Paulo Sérgio. Temos o nosso pequeno cemitério. Muitos já caíram, dos que estiveram conosco em 22. Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Dona Olívia Penteado, Antonio de Alcântara Machado, Felipe di Oliveira. A morte recente de Paulo Sérgio foi o último de seus poemas adolescentes, envolto na névoa violeta que sitia São Paulo.

Rosa que amei um dia

Rosa que não me amou

.....

Pedaços e mais pedaços

Pedaços de alma em pedaços

Olhei para trás quando voltava de seu enterro e vi um parque geométrico, com seus estalidos exatos, com seus volteios de pequenos aviões, de crianças garridas de carrossel, sob o comando dançarino de um alto-falante e por trás, a Avenida reta e negra, com seu organizado mundo de viaturas. O sol nítido, parecia estático, pregado ao céu azul e difuso. E foi tudo tomado o aspecto duma solenidade monumental, tendo ao fundo o corpo do poeta na tarde insensível.

A presença aqui, sob o carinho de São Paulo, de três gerações é um sinal de batalha. Podemos ser personagens de Hiroshima, o nariz colado no calcanhar, a boca no pescoço, os olhos no espanto do impacto coti-

diano. Porque vivemos, muitas vezes, como bons paulistas, na angústia do colapso econômico, o pelotão invisível apontando o peito, a morte a sessenta dias, a intimativa ululante do devido, pago, gasto, voado. Da casa e da família.

Antigamente vinha presunto e manteiga da Dinamarca, hoje vem angústia. A nossa, porém, não é essa. É angústia bancária, angústia batata! Por isso, perdemos facilmente o verbo poético e limitamo-nos ao vocabulário oligofrênico da cidade. Pingentes do capitalismo, lanceiros dos estribos, donde nos arriscamos a desabar a qualquer momento, surpreendemo-nos a produzir com o vizinho de ocasião aqueles prodígios do léxico Berlitz: — Com prazer! Que honra! É bonito o pavão? Onde está o toilet? Mas a poesia reage na própria formulação das calçadas — No bom dia maquinal, no cigarro nervoso, no encontro lúbrico, no cafezinho, na batida estimulante. E contagiamo-nos da mitomania do lucro ou da certeza da revolução mundial. São Paulo é assim. E por isso me manda as suas forças luzidas.

Este almoço não é só gastronomia. É também uma formação de batalha. Confraternizam aqui as sucessivas gerações de 22 a 50, particularmente eficientes as de 45 e 48. Gerações rascadas e atomizadas pelas transformações do mundo. É São Paulo não mais das vaias da Semana, mas dos Museus de Cicillo Matarazzo e Assis Chateaubriand, este que sentava conosco nos tapetes de Dona Olívia Penteado.

Estamos almoçando contra. Contra os enfezados e bichos de conta da cultura. Contra a edificação e a falsa virtude. Contra os que caluniam, afirmando que não houve pensamento nas convulsões de 22. Não poderíamos ter hoje em São Paulo reunido um Congresso de Filosofia, se a metafísica contemporânea não tivesse estreado na pancadaria de rua em que tomamos parte, nas decorrências intelectuais e políticas de 22. O Brasil teve aí o seu cálido divisor de águas. Se há ainda os dromedários da reação, os aluados e os colibris do dogma, enfim, os importadores de desespero, pior para eles.

Estou convencido de que a gente lúcida formada pelos novos pensadores, há de encontrar no próprio Brasil os mananciais de sua pesquisa essencial. Porque basta de autenticidade enlatada, basta de filosofia de importação.

Este grande e nunca merecido abraço de hoje, me faz lembrar um magnata do fim da outra guerra que, recém-chegado de viagem, foi festejado com um ágape. E gostou tanto que fez bisar o almoço. Seria o caso, despido das generosidades da homenagem e apenas circunscrito às proezas folclóricas do Centro de Pesquisas que guarda o grande nome de Mário de Andrade e aos feitiços culinários organizados pelo mágico José.

Mesmo porque, chega de denunciar a minha idade pelos jornais. É verdade que eu adoto de há muito aquela versão otimista de Jules Supervielle, aqui levada às últimas consequências pelo lúcido testemunho do pajé Hernani de Campos Seabra. Nasce-se velho, cheio de taras, preconceitos e hábitos vetustos mas pouco a pouco a idade traz em si a juventude. De modo que ao me despedir e ao agradecer, declaro para uso de quem quiser que há uma nova categoria da vida. Sexagenário não, mas sex-appeal-genário!

(In *Letras e Artes*, Suplemento de *A Manhã*, a. 4, nº 159, Rio de Janeiro, 2 abr. 1950)

